

*Diversificação produtiva, geração e aumento
de renda em assentamentos rurais a partir do
milho crioulo*

*Productive diversification, income generation and increase
in rural settlements from creole maize*

*La diversification de la production, augmentation et
génération de revenu dans les établissements ruraux à
partir de la variété de maïs « créole »*

Dinalva Donizete Ribeiro
Universidade Federal de Goiás
dinalvadr@gmail.com

Resumo

No campo, o milho é um dos pilares na alimentação da família e dos animais, podendo ser utilizado, também, para incrementar a renda por meio da comercialização, além de ser potencial construtor de espaços de cooperação a partir da constituição de bancos de sementes. A experiência de cultivo e multiplicação de sementes de milho crioulo, no assentamento Rio Claro, no município de Jataí – GO, desencadeou análises e reflexões sobre algumas dimensões da diversificação produtiva promovida a partir do resgate e uso destas sementes. Apresentamos os resultados das estratégias desenvolvidas a partir do milho crioulo, tratando qualitativamente as repercussões produtivas, sociais e econômicas, como o acesso das famílias às sementes, a diversificação produtiva, a elevação da renda, a intensificação do trabalho coletivo e a organização sociopolítica, sendo estes resultados percebidos como instrumentos na construção de circuitos de comercialização, de agregação de valor e de segurança alimentar. Também, são avaliados os problemas e as dificuldades encontradas no decorrer do Projeto Sementes Crioulas, no período de 2008 a 2012.

Palavras-chave: Sementes, Autonomia, Campesinato.

Abstract

In rural areas, maize is one of the bases for families' and animals' feeding, and it might be used for income increase through its marketing, besides being a potential constructor of sites of cooperation from the formation of seed banks. The experience

with growth and multiplication of Creole maize seeds in the settlement Rio Claro, in the city of Jataí-GO, gave rise to analyses and reflections about some dimensions of the productive diversification promoted from the rescue and use of these seeds. We present the results of the strategies developed from Creole maize, analyzing qualitatively the productive, social and economic repercussions, such as the access of families to the seeds, the productive diversification, the income increase, the intensification of collective work, and the sociopolitical organization. These results are comprehended as instruments for the construction of marketing cycles, value addition, and feeding assurance. Moreover, we evaluate the problems and difficulties found throughout the Projeto Sementes Crioulas (Creole Seed Project), which was carried out from 2008 to 2012.

Keywords: Seeds, Autonomy, Peasants.

Résumé

Dans la campagne, le maïs est l'un des piliers de l'alimentation de la famille et des animaux, et peut également être utilisé pour augmenter le revenu par le commerce, en plus d'être un constructeur potentiel des espaces de coopération à partir de constitution des banques de semences. L'expérience de cultivation et multiplication de semences de maïs de la variété «créole», dans l'établissement rural de Rio Claro, la municipalité Jataí-GO, a initié les analyses et les réflexions sur quelques dimensions de la diversification de la production promue par la récupération et l'usage de ces semences. Il convient de présenter les résultats des stratégies développées à partir de la variété de maïs «créole», et les repercussions productives, sociales et économiques ont été traitées qualitativement, comme l'accès des familles aux semences, la diversification de la production, l'augmentation des revenus, l'intensification du travail collectif et l'organisation socio-politique sont les résultats aperçus comme des instruments dans la construction des circuits de commercialisation, de la valorisation et de la sécurité alimentaire. Les problèmes et les difficultés rencontrés sont également évalués au cours du Projet de Semences de la variété «Créole», pendant la période de 2008 à 2012.

Mots-Clés : Semences, Autonomie, Paysannerie

Introdução

Verde, come-se em espigas, assado ou cozido; em pamonhas; em mingaus; em bolos, puro (curau) ou confeccionado com outros ingredientes. Seco, come-se como pipoca, quirela e canjica; moído, fornece os dois tipos de fubá, grosso e mimoso, base de quase toda culinária de forno entre os caipiras, inclusive vários biscoitos, o bolão, bolinhos, broas, numa ubiquidade só inferior à do trigo; pilado, fornece a farinha e o beiju, não esquecendo o seu papel na alimentação do gado (CÂNDIDO, 1982, p.53).

Para onde avança o modelo da agricultura tecnicada e do agronegócio verifica-se a redução da produção de alimentos e a oferta destes à população local. Um dos motivos está associado às sementes, cujas variedades foram se perdendo na medida em que a Revolução Verde¹ foi se amalgamando, comprometendo a segurança alimentar

1. Modelo baseado no uso intensivo de tecnologias químicas, sintéticas, mecânicas e biológicas aplicadas às atividades agrícolas, com destaque para o uso de sementes híbridas, mecanização agrícola, insumos químicos

da população rural, com forte impacto na população assentada. Isso se dá, pois uma das marcas da Revolução Verde é a semente híbrida, que afeta a reprodução mercantil simples, própria do processo produtivo camponês.

Considera-se que a aniquilação das variedades de sementes por meio das *agrobiotecnologias* representa um problema que extrapola o aspecto genético e agrícola, se estendendo aos aspectos socioculturais da população e das comunidades rurais, incluindo aí os assentamentos de reforma agrária.

Na microrregião Sudoeste de Goiás a consolidação do agronegócio traz consigo as contradições que estão explícitas por meio do grande número de assentamentos e acampamentos de trabalhadores rurais sem terra (RIBEIRO, 2005).

Os municípios da área de atuação da Superintendência Regional do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA em Goiás/Região Sudoeste Goiano, contam com 34 assentamentos, com 1.455 famílias (INCRA, 2015).

No município de Jataí estão 6 Projetos de Assentamentos da Reforma Agrária, com 564 famílias, sendo eles: Rio Claro, com 17 famílias; Santa Rita, com 23 famílias; Guadalupe, com 56 famílias; Terra e Liberdade, com 90 famílias; Rômulo Souza Pereira, com 90 famílias; Rio Paraíso, com 176 famílias e o Pré-assentamento Campo Belo, com 11 famílias.

Neste município ainda estão 3 Assentamentos oriundos da programa Crédito Fundiário: São Domingos, com 14 famílias; Torres, com 5 famílias; Santa Helena, com 35 famílias. Além do Acampamento Padre Josimo, coordenado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), composto por cerca de 150 famílias.

Neste contexto espaço temporal, o Projeto Sementes Crioulas objetivou estabelecer parceria com famílias assentadas para multiplicar e distribuir variedades de milho, além de desenvolver ações derivadas do cultivo das mesmas, como a diversificação produtiva, práticas coletivas, produção de silagem e construção de um banco de armazenamento a fim de socializar as sementes com outras famílias da região.

O cultivo das sementes foi promovido pelo Projeto “Reaplicação, reprodução e disseminação de sementes de milho crioulo e implantação de um banco de sementes: estratégia para autonomia de agricultores familiares em Jataí (GO)”²² – aludido como Projeto Sementes Crioulas – no Assentamento Rio Claro, município de Jataí-GO, conduzido pelo Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Agricultura Familiar (NEAF), da Universidade Federal de Goiás - Regional Jataí.

A elaboração do Projeto partiu da compreensão de que o controle sobre as próprias sementes é um fator indispensável para a autonomia produtiva e a soberania alimentar, pois sua diversidade pode assegurar a abundância produtiva que serve de base

e agrotóxicos. Com o objetivo de modernizar a agricultura, tal modelo foi idealizado nos Estados Unidos na década de 1940. Trazido ao Brasil na década de 1960, se expandiu à região do Cerrado a partir de 1970, com seu auge na região retratada na década de 1980.

2. O Projeto foi financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) por meio do edital **MCT/CNPq/MDA/SAF/MDS/SESAN- nº 36/2007** e pelo Programa de Extensão Universitária (PROEXT) – MEC/SESu/DIPES, edital 09/2008.

para uma alimentação adequada e saudável, permitindo o desenvolvimento das formas culinárias preservadas e desejadas na reprodução cultural dos povos, nas suas mais distintas tradições (MENDONÇA et al., 2007).

Reportamo-nos a Woortmann (2004), quando este assinala que a concepção etnoecológico-holística presente na relação do camponês com a terra é promovida, também, pelo cultivo das sementes, que além de manter a cultura e a sabedoria popular, fazem a re-ligação do sagrado e do simbólico, reavivam a história de cada geração e reforçam o sentido de pertencimento à terra, pois estas sementes são cultivadas e repassadas hereditariamente, através dos tempos.

Isso significa que a indisponibilidade de sementes não híbridas (variedades, conhecidas como “sementes crioulas”) amplia a dependência das famílias e compromete a autonomia camponesa frente ao mercado de sementes, insumos e alimentos, deixando-as reféns de novas relações de poder comandadas pelas corporações, conforme tratado por Porto Gonçalves (2004):

Com o monopólio das sementes (e do novo modo de produção do conhecimento a ele associado), a produção tende a se dissociar da reprodução e, assim, a segurança alimentar perseguida por cada grupamento humano durante todo o processo de hominização vai então depender de novas relações sociais e de poder que se configuram (PORTO GONÇALVES, 2004).

Dessa forma, são tratados os resultados das estratégias e inovações desenvolvidas a partir do milho crioulo no Assentamento Rio Claro, seu alcance e repercussões produtivas, sociais e econômicas, avaliando, também, problemas e dificuldades encontradas.

Apresentamos reflexões de algumas dimensões da diversificação produtiva promovida pelo cultivo das sementes, considerando que, no universo camponês, o milho é um dos pilares da alimentação da família e dos animais, podendo ser utilizado, também, para incrementar a renda por meio da comercialização, além de ser potencial construtor de espaços de cooperação a partir de práticas coletivas e da constituição de bancos de sementes.

O acesso das famílias às sementes, a elevação da renda, o esforço para o trabalho coletivo e a organização sociopolítica é compreendida como repercussões produtivas e socioeconômicas das ações desenvolvidas e estes resultados são percebidos como instrumentos na construção de circuitos de comercialização, de agregação de valor e de segurança alimentar das famílias.

Os resultados discutidos foram obtidos no decorrer da execução do projeto, que se iniciou 2008 e foi concluído em 2012, sendo que outros projetos³ derivados deste

3. Projetos: “Transformações espaciais no campo, território e territorialidades: a questão camponesa no Cerrado”, com o apoio financeiro do CNPq, em andamento desde 2012; “Análise do acesso e uso de Políticas Públicas para Agricultura Familiar em Assentamentos Rurais de Goiás”, com o apoio financeiro do CNPq, em andamento desde 2013; Centro integrado de agroecologia para treinamento, experimentação, validação e disponibilização participativa de tecnologias apropriadas à Agricultura Familiar, com apoio financeiro do CNPq desde 2014; Núcleo de Extensão em Desenvolvimento Territorial do Território Rural Parque das Emas, com apoio financeiro do CNPq desde 2014.

ainda seguem em vigência nos assentamentos dos municípios de Jataí e Perolândia – GO, envolvendo, mais recentemente, os nove municípios do Território Rural de Identidade Parque das Emas. Os dados foram analisados pelos mediadores e famílias assentadas em diversos estágios do projeto. Em alguns casos as respostas foram positivas e em outros foram negativas, carecendo de reflexão e reelaboração das ações.

Semeando parcerias

O projeto piloto foi desenvolvido no Assentamento Rio Claro, cultivando sementes de milho da variedade CAIANO. Estas foram oriundas do projeto: “Resgate, Produção e Conservação de Sementes Crioulas nas Comunidades Rurais do Sudeste Goiano” desenvolvido na Comunidade São Domingos, no município de Catalão-GO. Na primeira safra (2008/2009) também foram feitos experimentos de multiplicação com as variedades CAIANO-CERRADO, MPA-1 e BRS SOL-DA-MANHÃ, no entanto somente a variedade CAIANO se apresentou como apropriada para o cultivo em maior escala naquela área região (microrregião Sudoeste de Goiás).

O Assentamento Rio Claro se situa a 50 quilômetros da cidade de Jataí–GO, estando este município localizado na microrregião Sudoeste de Goiás, conforme especializado na figura 1.

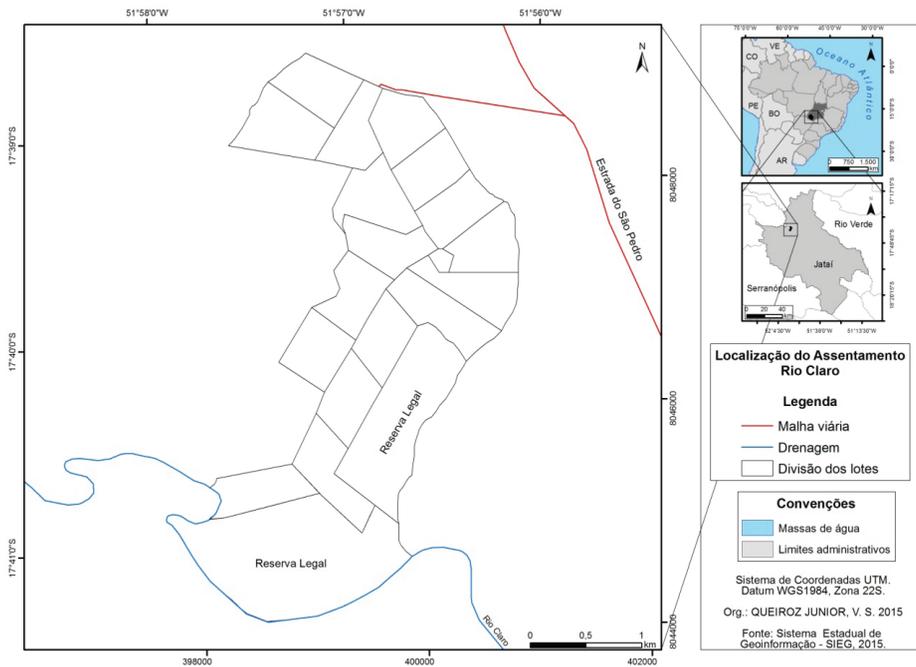


Figura 1. Localização do Assentamento Rio Claro. Município de Jataí – GO. **Organização:** QUEIROZ Jr. V. S., 2015.

A área do Assentamento é de 485 hectares distribuídos em lotes a dezessete famílias, com área média de 28,5 hectares para cada lote, conforme demonstrado na figura 2.

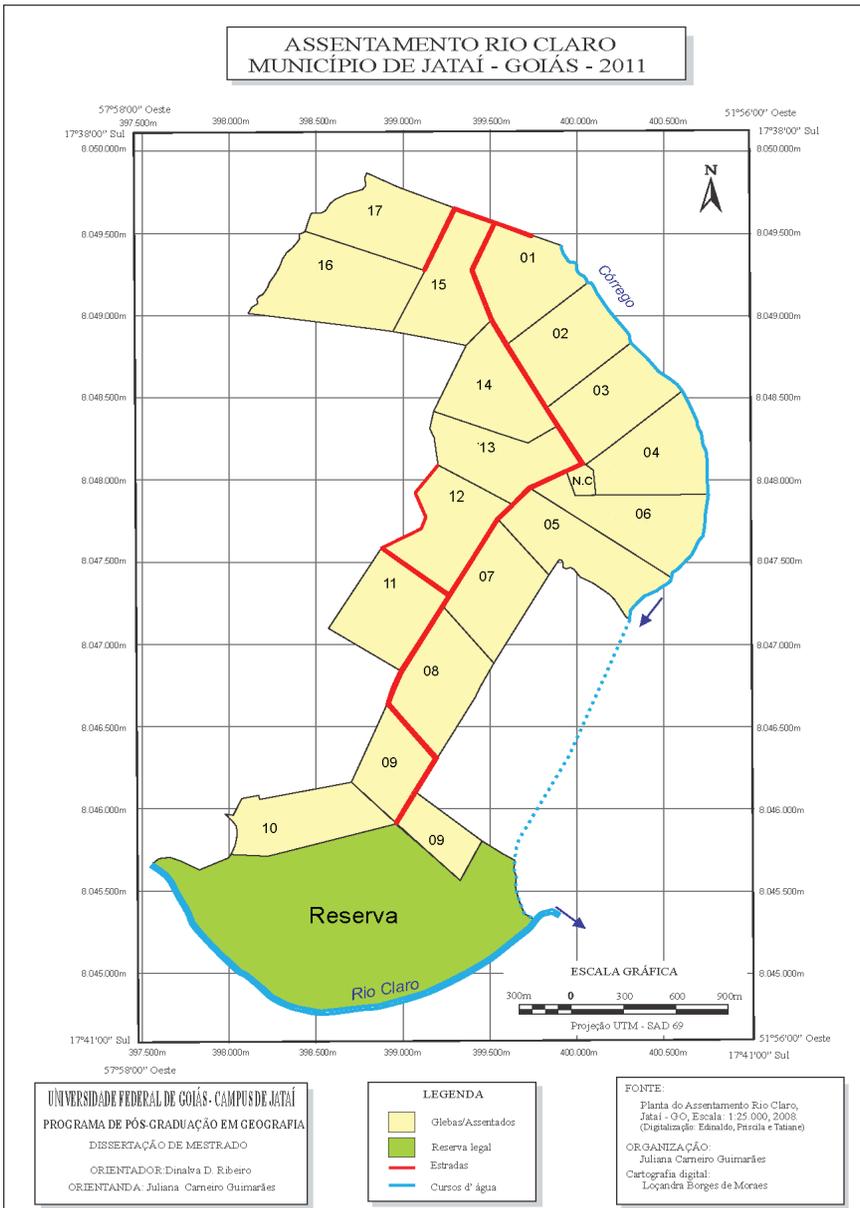


Figura 2. Infograma do Assentamento Rio Claro, Jataí-GO.

Fonte: Guimaraes, 2011.

Quanto às metodologias utilizadas, tanto na assistência técnica (agronômica e zootécnica-veterinária) quanto nas ações sociológicas, buscou-se promovê-las de forma participativa, considerando as demandas das famílias e seus conhecimentos pré-existentes. Procurou-se articular estas metodologias segundo os referenciais da Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER), que aponta que toda metodologia para a ação deve ter um caráter educativo, com ênfase na pedagogia da prática, promovendo a geração e a apropriação coletiva de conhecimentos, a construção de processos de desenvolvimento sustentável e a adaptação e adoção de tecnologias voltadas para a construção de agriculturas sustentáveis (MDA, 2008).

A primeira etapa do projeto se pautou na realização de um diagnóstico socioeconômico das comunidades rurais e dos assentamentos do município de Jataí, a fim de delimitar o local de implantação do mesmo. Definiu-se o Assentamento Rio Claro a partir dos resultados do diagnóstico que apontou este Assentamento como sendo o com o menor índice de qualidade de vida, dentre os demais.

Para fins da pesquisa, das análises socioeconômicas e da elaboração do diagnóstico, foram coletados dados sobre: a Propriedade/Lote e o Núcleo familiar, analisando: **Variáveis do Fator Social:** Demográfica, Habitação, Consumo de alimentos, Participação em organização; **Variáveis do Fator Econômico:** Uso da Terra, Produção vegetal e comercialização, Animais de trabalho, Produção animal, Derivados e comercialização, Crédito e rendimento; **Variáveis do Fator Tecnológico:** Estrutura produtiva, Maquinário e industrialização rural, Tecnologia, Salubridade; **Variáveis do Fator Ambiental:** Poluição, Exploração e Conservação; **Variáveis do Fator Prioritário:** Gerais (não entraram na codificação).

O desenvolvimento do Projeto foi guiado pela abordagem qualitativa. Dentro desta Abordagem foram utilizados os seguintes procedimentos metodológicos e instrumentos de coleta de dados, diagnóstico, ação e monitoramento: Observação (simples e sistemática), entrevista (por pautas e estruturada), formulário, pesquisa-ação. Sendo que esta última foi mais utilizada nas etapas de ação, por seu caráter de ação planejada, muito apropriada à aplicação ao desenvolvimento rural e à difusão de tecnologias. As primeiras foram mais utilizadas nas etapas de coleta de dados, diagnósticos e monitoramento.

Logo, comungando com a perspectiva do projeto, o mesmo foi implantado onde, segundo o diagnóstico, havia maior demanda por ações e parcerias que redundassem em diversificação da produção e geração de renda.

Iniciaram-se os trabalhos no Assentamento Rio Claro, tendo como referência o “Método dos 10 passos: um diálogo como ferramenta básica da participação na comunidade rural” (BROSE, 2001). Na ocasião definiu-se que o milho seria cultivado em diversas parcelas e não no formato de lavoura comunitária. Após a delimitação dos locais de plantio foram realizadas todas as etapas de avaliação e preparo do solo, necessárias para o plantio da primeira safra, que se iniciou em novembro de 2008.

Concomitante à preparação das áreas para o plantio foi implantado o Núcleo de Apoio Pedagógico – NAP. A criação do NAP se constituiu numa das metas do projeto, de forma a identificar demandas e qualificar as ações desenvolvidas, fossem elas técnicas, sociais, econômicas, culturais e/ou políticas.

O banco de armazenamento foi constituído a partir das sementes colhidas em dois hectares das lavouras cultivadas na primeira safra (2008/2009). As sementes foram selecionadas, classificadas, tratadas e, posteriormente, emprestadas a cinquenta famílias dos assentamentos Santa Rita, Rio Claro e acampamento MST-Guadalupe, no município de Jataí; assentamentos Lagoa do Bonfim e Três Pontes, no município de Perolândia; e assentamentos Recanto Sonhado e Boa Vista II, no município de Doverlândia.

Semeando diversidade

Na safra 2008/2009 as sementes foram plantadas em sete dos dezessete lotes do Assentamento Rio Claro, num total de nove hectares. A produção de dois hectares foi destinada exclusivamente ao banco de sementes. A produção dos demais lotes foi utilizada por suas respectivas famílias, que devolveram ao banco o dobro das sementes cedidas para o plantio.

Na safra 2009/2010 a área e as sementes plantadas aumentaram. Novamente, dois hectares foram direcionados exclusivamente para aprovisionar o banco e mais nove hectares foram cultivados em sete lotes, num total de onze hectares plantados com sementes da variedade CAIANO.

Dentre as sete famílias que cultivaram na primeira safra (2008/2009) somente duas concluíram o ciclo da multiplicação das sementes. Ou seja, efetuaram devidamente, o plantio, a colheita, a seleção e o armazenamento para a safra seguinte. As demais famílias não as armazenaram de forma segura, de modo que não se prestaram ao novo plantio.

Neste caso notou-se que o hábito de se adquirir as sementes nas lojas agropecuárias e o distanciamento da tradição de manejar sementes crioulas, promoveu despreparo para lidar com as sementes de modo a garantir sua multiplicação. Houve dificuldade, por parte de cinco famílias, em guardar as sementes com segurança, conservando o seu potencial reprodutivo. Na maioria dos lotes não havia paióis ou outros espaços apropriados para guardá-las, tampouco foram seguidas as recomendações técnicas de tratamento e armazenamento.

A avaliação sobre esta questão esclareceu que não significava desinteresse pelas sementes e sim dificuldade técnica em retomar uma prática que, inclusive, demanda mais mão de obra e tempo de trabalho empregado. Uma vez que na medida em que a família vai se prendendo ao mercado ela vai se desfazendo, não somente da produção daquilo que ela passa a comprar, mas, sobretudo, da prática e tradição de fazê-lo, implicando no adormecimento das relações estabelecidas no ato de trabalhar e de produzir determinado produto.

Partindo desta situação e reflexão, foi intensificado o trabalho sobre os significados das sementes, em todas as atividades desenvolvidas no Assentamento Rio Claro, com o intuito de reduzir as perdas a partir da segunda safra. Também, as sementes foram temas de pesquisas, oficinas e ações de outro projeto desenvolvido junto aos

jovens deste e de outros três assentamentos da região⁴, a fim de qualificar e fortalecer a discussão sobre agroecologia, sementes crioulas, cultura e produção diversificada de alimentos entre os jovens assentados.

Destaca-se que uma das famílias que cuidaram devidamente das sementes o fez de forma criativa e alternativa, guardando-as em garrafas pet e usando pimenta do reino no tratamento contra o ataque de carunchos. As estratégias utilizadas tiveram excelentes resultados e estas foram as melhores sementes disponíveis para o plantio da segunda safra.

A maneira como a família supracitada lidou com as sementes nos permite refletir sobre as práticas agroecológicas, que são natural e historicamente praticadas pelos camponeses e que, mais recentemente, vem ganhando espaço nas pesquisas e ações das universidades e centros de pesquisa e extensão e nos movimentos sociais.

O saber e a prática agroecológica são inerentes ao saber-fazer camponês e à sua forma de lidar com a terra. As populações tradicionais conseguem desenvolver sistemas de usos do ambiente de maneira a conviver com a natureza e produzir seus bens materiais e imateriais. Segundo Porto-Gonçalves (2014) este é o “Saber do Detalhe”, porque resultam de sofisticadas adaptações ecológicas promovidas pelos povos tradicionais. Primavesi (2012) dá a dimensão da agroecologia enquanto práticas e saberes, resultante do dia-a-dia dos agricultores e, por isso mesmo, não podendo ser pensada fora deste cotidiano, tampouco engessada como conhecimento científico, desprezando o saber daqueles que lidam com a terra e os processos produtivos.

Nessa perspectiva cabe aos mediadores, parceiros, somar com estes saberes e não apresentar, de forma acabada, novas experiências científicas, elaboradas e aferidas fora do espaço de vivência dos atores que vivem no/do campo. Guzmán e Molina (2005) apontam que a solução para o problema socioambiental da atualidade passa pelo modelo camponês que, na sua busca por soberania alimentar, pratica a agroecologia, na sua dimensão agrícola, social e política.

Quanto às atividades coletivas, observou-se certa dificuldade em desenvolvê-las por dois motivos principais: o primeiro diz respeito à limitação da equipe técnica em lidar com o saber-fazer camponês e as metodologias apropriadas; o segundo se deu em função da negação em conceber as atividades coletivas por parte das famílias assentadas.

O primeiro motivo deriva da complexa relação estabelecida entre técnicos e famílias camponesas, visto que, usualmente, os profissionais tem um perfil pragmático/tecnicista, com limitações para o diálogo de saberes. No caso específico da equipe do projeto, o limite maior se dava entre os técnicos com formação nas ciências agrárias.

Sobre tal questão, Paulino (2006) aponta que

A formação de uma geração de técnicos ligados à agricultura se fez e ainda se dá sob a égide do paradigma tecnicista. Desse modo a filosofia do trabalho para

4. Projeto “Orientação e Instrumentalização de jovens rurais para atuarem como agentes multiplicadores na organização socioproductiva seus Assentamentos”, financiado pelo CNPq, desenvolvido entre 2009 e 2011, envolvendo 45 jovens dos assentamentos: Rio Claro (Jataí), Lagoa do Bonfim e Três Pontes (Doverlândia).

o qual foram formados está embasada no pressuposto de que o saber camponês deve ser removido em nome da eficácia técnica (PAULINO, 2006, p.284).

Já o segundo motivo é considerado conforme tratado por Almeida (2006), que afirma haver uma relação entre liberdade, autonomia e terra de trabalho que é herdada pelos camponeses e isso se manifesta nos assentamentos. A pesquisadora salienta que “a conquista da terra e, portanto, do assentamento se insere numa concepção de liberdade [...] porque dá ao indivíduo a possibilidade de se realizar como portador de sonhos, de aspirações, como o desejo de se enraizar” (ALMEIDA, 2006, p. 321).

Na mesma perspectiva Paulino (2006) explicita que as dificuldades encontradas nas experiências de coletivização nos assentamentos e nas atividades desenvolvidas em conjunto

[...] provém da não consideração de um elemento essencial que orienta a utopia camponesa, a busca obstinada da autonomia, da liberdade de dispor de seu tempo, espaço e saber de acordo com os sonhos e projetos construídos ao longo das próprias tradições (p. 38).

Concordando com estas assertivas, ressaltamos que os mediadores, não compreendendo estas dimensões, promovem conflitos com/entre as famílias a partir do embate entre a prática coletiva e a individual. Estes conflitos são usuais com os técnicos que, no geral, negam a experiência de vida e a autonomia e gestão do tempo de trabalho enquanto símbolos da liberdade camponesa.

No que diz respeito à produtividade, houve redução, se comparadas a primeira e a segunda safra, devido ao menor investimento financeiro disponibilizado por parte do projeto para auxiliar nos custos de produção na segunda rodada de cultivo (2010/2011).

Nessa rodada, além da produtividade menor, outros avanços não se deram conforme o planejado. Sobretudo aqueles referentes às atividades coletivas, que se enfraqueceram ainda mais em relação à primeira safra. Porém, cabe lembrar que o exercício de organização e de decisão interna nos assentamentos e entre as famílias se configura em exercícios para a liberdade e o empoderamento, sendo um elemento indispensável para a conquista do real desenvolvimento (FERRANTE et al., 2006). Logo, alguns resultados não se dão no tempo acadêmico e sim no tempo do viver e do fazer das famílias, onde, espera-se, os resultados deste exercício se manifestarão.

No entanto, mesmo com as dificuldades encontradas, a dinâmica que se criou no Assentamento, com o cultivo das variedades de milho, trouxe inovações às famílias e gerou boas expectativas em relação à retomada da prática agrícola entre elas.

Várias famílias tinham deixado de cultivar alimentos como arroz, feijão, mandioca, hortaliças e os retomaram a partir da introdução do cultivo do milho e de outras novidades, como o gergelim e o amendoim, também apresentados de forma paralela ao Projeto Sementes Crioulas. Na Figura 3 podemos identificar o cultivo simultâneo do milho crioulo, de feijão e arroz. Este resgate da agricultura é considerado rico e belo, pois reflete, conforme Whitaker (2008), a capacidade que os assentamentos de reforma agrária têm de criar mosaicos e diversidade, que eliminam a fome não só para seus atores, mas, em muitos casos, para a população circundante.



Figura 3. Cultivo de milho crioulo, feijão e arroz no Assentamento Rio Claro,
Fonte: DIAS, M. S., 2010.

Quanto aos avanços na geração de renda, vale destacar o convênio que foi firmado entre a Associação do Assentamento Rio Claro e a Prefeitura Municipal de Jataí para venda de produtos do Assentamento ao Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), com destaque para o milho verde. As famílias que cultivaram o milho na safra 2008/2009 tiveram renda média de R\$3.500,00 com a venda deste cereal ao PAA.

A inserção da produção oriunda de assentamentos em projetos municipais, como o PAA, indica novas estratégias para o incremento da renda de forma mais coerente com o modo de vida camponês e representa um processo de articulação das famílias assentadas com o comércio local, promovendo ganhos também à população urbana com o uso dos alimentos locais e regionais na merenda escolar, nos asilos, creches, dentre outros espaços (DUVAL e FERRANTE, 2008).

Pelo fato de a maioria das famílias possuírem renda com base na produção de leite, orientou-se o uso do milho crioulo para a produção de silagem e reforma da pastagem usando a integração lavoura-pecuária. A produção de leite no Assentamento é realizada com precário manejo dos animais e das pastagens. Os alimentos fornecidos aos animais são de baixa qualidade e, praticamente em todo o período da estiagem, é necessária a suplementação proteica e mineral, pois neste período as pastagens, já fragilizadas, ficam insuficientes.

Houve uma preocupação em relação ao alimento disponível para os animais no período de estiagem, a “época da seca”, que em regiões de Cerrado ocorre entre maio e outubro (outono/inverno). Neste período a oferta de forragem para alimentação do rebanho diminui em função da baixa pluviosidade e naquele caso, do elevado estado de degradação das pastagens, o potencial produtivo dos animais e a rentabilidade

da atividade também sofrem redução significativa. Por isso avaliou-se ser preciso buscar uma alternativa viável para a suplementação alimentar do gado.

Segundo Nussio et al.(1998), a alternativa para essa situação é a produção de volumosos suplementares durante o verão, como a produção de milho, visando a conservação de forragem para o inverno. Assim, a silagem feita de milho é considerada uma espécie de “reserva” de alimentos, de ótima qualidade para os animais durante o período de menor pluviosidade - sobretudo às vacas leiteiras. Este recurso dá às famílias a segurança de que não vai faltar alimento para o seu gado na “época da seca”.

Dentre as sete famílias que plantaram o milho crioulo na primeira safra quatro utilizaram parte de suas lavouras para produzir silagem, além de uma que havia plantado milho híbrido.

Tomamos como referência para a presente discussão os resultados obtidos no lote 05, cuja família realizou o plantio de um hectare de milho crioulo e produziu a silagem sob o acompanhamento da equipe do projeto.

Verificou-se que o custo total para se produzir a silagem, considerando desde os custos operacionais de produção (adubo, calcário, etc.) até os materiais necessários para construção do silo (lona, inoculantes, cercas, etc.), foi de R\$1.562,00. Este valor foi considerado viável se comparado com os custos de produção de variedades de milho híbrido, que exigem onerosas tecnologias de produção.

Foi observado que a variedade CAIANO, cultivada no lote 05, apresentou ótimo resultado de produção de matéria verde, com rendimento de vinte e duas toneladas por hectare, ideal para produzir boa quantidade de silagem.

Assim, a família deste lote, que possuía quatorze vacas em lactação, pode alimentar o seu rebanho por cinquenta e sete dias durante o inverno se utilizando da silagem produzida com o milho crioulo cultivado no seu lote.

Caso a família tivesse optado pela compra da ração, em detrimento da silagem, ela teria um custo de aproximadamente R\$2.753,00 para o mesmo período. Escolhendo a produção da silagem foi economizado, aproximadamente, R\$1.191,00, em torno de 43% do custo de alimentação do rebanho no período de estígio, tendo como referência aquela quantidade de animais.

As famílias do Assentamento Rio Claro não tinham a experiência em fazer silagem e nunca haviam experimentado esta técnica por não terem conhecimento dos custos e procedimentos envolvidos e das muitas vantagens do processo. Assim, avalia-se esta ação como sendo de grande importância, por meio da qual as famílias receberam as orientações técnicas (Figura 4), o acompanhamento do processo de silagem e fizeram seus cálculos, verificando que o uso da silagem produzida a partir do milho crioulo promove economia em relação à compra da ração industrializada.

Em se tratando de agricultura camponesa, tal redução de custo faz diferença significativa no orçamento familiar. Economia esta que permite investir em outras atividades e tecnologias a fim de elevar a renda, além de reduzir a dependência frente ao mercado de ração.



Figura 4. Trabalho dos técnicos do Projeto com a silagem para alimento de bovinos. **Fonte:** DIAS, M. S., 2010.

Ainda na perspectiva de reduzir dependências, experimentou-se, também, a reforma da pastagem a partir do consórcio entre o milho e o capim *brachiaria*, proporcionando dois cultivos na mesma área, a partir de um único custo de produção: um de milho (com potencial de usos diversos) e outro de gramínea para alimentação do gado.

Como incremento sociocultural resultante das ações do projeto, ressalta-se a realização da “Festa da Pamonha”, do 1º Dia de Campo do Milho Crioulo, dos mutirões de colheitas do milho crioulo e da Festa Julina.

A pamonhada (Figura 5) foi a primeira festa do Assentamento desde a sua fase de constituição (iniciada em 2001). As festas são *locus* de confraternização e podem ser vistas como um momento de resgate de tradições e de afirmação de identidade, dado que, usualmente, nos assentamentos as famílias não têm uma história de vida em comum, como se dá nas comunidades rurais.

Já o 1º Dia de Campo foi uma atividade técnica de exposição do milho crioulo e dos seus múltiplos usos. Para esta atividade foram convidadas famílias dos assentamentos, dos acampamentos e das comunidades de toda a região.

Este evento proporcionou a divulgação do milho e seus usos derivados, revelando a capacidade produtiva e organizacional das famílias na realização de um evento técnico e amplo, que, usualmente, acontece somente para agricultores empresariais. O acontecimento deu visibilidade às atividades desenvolvidas pelas famílias e contribuiu para a elevação da autoestima das mesmas.



Figura 5. Mutirão ente as famílias do Assentamento Rio Claro e equipe do projeto na festa da pamonha.

Fonte: DIAS, M. S. Dias., 2009.

De igual maneira, os mutirões de colheita também foram momentos de integração no Assentamento. Mesmo sendo uma atividade de trabalho árduo, nos mutirões as famílias resgatam e fortalecem o senso coletivo, de ajuda mútua, que é essencial para a lida no campo, principalmente em pequenas parcelas de terra, onde, geralmente, não há máquinas, tampouco recursos para contratar mão-de-obra.

Os mutirões aproximam as famílias em torno de um objetivo comum, que é o de realizar uma tarefa densa no menor tempo possível através do agrupamento do maior número de trabalhadores (isso geralmente ocorre nos períodos de plantio e/ou colheita) e torna a relação de companheirismo mais forte, o que se reflete nos laços afetivos do grupo.

Além de trabalhar em conjunto, é importante festejar junto também! Com este intento foi realizada a Festa Julina, a fim de constituir mais um *lôcus* de convivência e de fortalecimento do sentido das ações coletivas. As famílias organizaram a festa com apoio da equipe do projeto, criando a estrutura necessária como barracas, leilão, quadrilha, fogueira, quentão, pipoca, brincadeiras, tudo embalado com música e dança típicas das festas juninas regionais (Figura 6).

Dentre os resultados do projeto, estabelecido como uma das principais metas, foi a constituição do banco de sementes do milho crioulo (Figura 7). Foram selecionados mil quilos de sementes a partir da primeira safra, que foram emprestados, em outubro de 2009, a cinquenta famílias de sete assentamentos dos municípios de Doverlândia, Jataí e Perolândia.



Figura 6. Primeira Festa Julina no Assentamento Rio Claro. Fonte: DIAS, M. S., 2010.



Figura 7. Banco de sementes. Variedade CAIANO. Fonte: DIAS, M. S., 2009.

Naquela fase inicial do projeto (primeira rodada de plantio/distribuição das sementes) recomendou-se que as famílias interessadas retirassem as sementes diretamente no banco a fim de permitir o cadastro e o acompanhamento técnico das lavouras por parte da equipe técnica, a fim de verificar a adaptação e o comportamento da variedade e melhor orientar seu manejo e usos. Dessa forma, a primeira rodada de empréstimo foi

coordenada pela equipe do projeto, sendo que as demais foram geridas pelas famílias dos assentamentos.

Resultados da *semeadura*

Os resultados do Projeto Sementes Crioulas desenvolvido no Assentamento Rio Claro se manifestam, sobretudo, no resgate da prática agrícola, na dinâmica sociocultural gerada a partir do plantio das lavouras e na elevação da renda das famílias em função da venda do milho verde e do fabrico da silagem.

Também, o cultivo do milho crioulo abriu caminhos para os cursos e as práticas (silagem, plantio consorciado, reforma de pastagens), a socialização das famílias, os festejos e mutirões e para as discussões e decisões coletivas.

Vale ressaltar que muitos foram os entraves encontrados na condução do projeto e todas as atividades listadas foram desenvolvidas com algum grau de dificuldade e resultados aquém do previsto inicialmente.

Por parte da equipe técnica a principal limitação se deu em trabalhar com a abordagem qualitativa e as metodologias participativas, onde o pesquisador, observador da realidade, não usa, obrigatoriamente, as bases estatísticas na análise do problema em questão. Embora as transformações sociais, econômicas, políticas e ambientais da sociedade exigem novas abordagens analíticas, a postura acadêmica não tem acompanhado tais transformações no tempo devido, sobretudo quando envolve profissionais exteriores às ciências humanas.

Avalia-se que para desenvolver ações a partir desta abordagem e metodologias o tempo de gestão, reflexão e ação deveria ser mais elástico, uma vez que a participação prevê diálogos de saberes e construções coletivas, considerando as diferenças na percepção e na vivência de tempo por parte das famílias envolvidas. A rigidez acadêmica e a obrigatoriedade do cumprimento de prazos e produtividade por vezes não consentem à equipe técnica o tempo necessário que pressupõem a abordagem qualitativa e as metodologias participativas e acaba por estrangular o tempo demandado para realizar determinadas etapas metodológicas.

Logo, estas metodologias vêm sendo aplicadas com o entendimento de que os resultados não podem ser aguardados no curto prazo, tampouco podem ser mensurados apenas quantitativamente e nos aponta o desafio de lidar com esta perspectiva em meio à racionalidade produtivista na qual tem imergido o conhecimento acadêmico.

Ainda, agrega-se o histórico de extensão convencional aplicada aos assentamentos, o que condiciona as famílias a receberem os pacotes de supostas novidades, desmotivando-os, em muitos casos, a pensar as estratégias em conjunto com os colaboradores externos.

A extensão convencional desconsidera a participação das famílias na definição dos rumos a serem adotados por elas dentro dos seus próprios lotes. As famílias são vistas como receptáculo das soluções apresentadas pelos técnicos, gestadas fora dos seus contextos, realidades e possibilidades. Porém, estas inovações demandam recursos e infraestruturas que, usualmente, aquelas não possuem. Por isso a maioria dos cursos e

práticas que compõe estes pacotes não surte efeito real no cotidiano dos assentamentos, por se tratar de tecnologias que não se aplica àquele perfil e realidade.

Porto Gonçalves (2004) afirma que a produção do conhecimento se deu e ainda hoje se dá negando ao outro, ao diferente, por isso fala-se sem cerimônias em “transferência de conhecimento e não de diálogos entre matrizes de racionalidades distintas” (p. 210).

Esta reflexão assinala que há um desencontro na relação entre técnicos e camponeses, derivado das visões divergentes sobre o sentido do trabalho e da terra e a relação com o mercado. Logo, as lógicas diferentes não comportam soluções iguais e o não entendimento desta incoerência pode levar a um resultado avesso ao que se pretende alcançar com as ações de extensão.

Daí que resgatar o potencial criativo e deliberativo das famílias assentadas emerge como um dos principais desafios, pois implica em se propor a romper com um modelo de extensão consolidado, além de exigir, também, uma revisão sobre os conceitos e sentidos da extensão, por parte dos centros especializados, de modo a qualificar profissionais aptos a lidar com a realidade das famílias assentadas.

Outra questão a ser ponderada é que, no geral, os projetos não são demandas específicas das famílias e sim propostas geradas e apresentadas de forma exógena, dificultando a parceria e o desenvolvimento das ações.

Isso se dá, pois os projetos são definidos pelas linhas temáticas e normas dos editais, sendo gestados atendendo mais as exigências destes do que às demandas dos grupos parceiros. Este é um problema de fundo no modelo de financiamento vigente da pesquisa e extensão no âmbito das universidades brasileiras, que não possuem orçamento próprio para custear os projetos desenvolvidos pelos seus professores/pesquisadores/extensionistas. Dessa forma, o caminho de captação de recursos se dá via Editais Públicos, comumente geridos pelo Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico (CNPq) em parceria com diversos financiadores, no nosso caso o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA).

Atualmente, por meio dos demais projetos desenvolvidos no Território Rural de Identidade Parque das Emas, temos trabalhado em parceria com diversos assentamentos dos nove municípios ali situados, dentre eles o Rio Claro e outros que receberam sementes por meio do banco de armazenamento.

Verifica-se que a dinâmica que se seguiu ao início das ações do Projeto Sementes Crioulas, em 2008, desencadeou uma sequência positiva e ascendente em relação à agroecologia, à articulação para uso de políticas públicas e a própria constituição do Território.

Mesmo com as dificuldades encontradas, como metas e objetivos não totalmente atingidos, criou-se um movimento sinérgico de articulação entre as famílias, os assentamentos e grupos envolvidos com a agricultura familiar camponesa na região, culminando no reforço de suas práticas, na articulação política, de produção e comercialização e no fortalecimento das relações com a Universidade Federal de Goiás (UFG), por meio do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Agricultura Familiar

(NEAF), que em 2014 agregou a dimensão agroecológica e em 2015 agregou a dimensão territorial, tudo isso resultante dos diálogos e demandas das famílias camponesas parceiras.

Ao avaliarmos o projeto por este prisma reconhecemos seu êxito, a partir de resultados mais amplos, que seguem se manifestando, sobretudo na formação de pessoal técnico. Muitos profissionais que, em 2008, estavam em fase de formação acadêmica e colaboraram com o projeto, se especializaram em agricultura familiar camponesa e em políticas públicas, realizando mestrados, doutorados, pós-doutorados, se concursando para os quadros técnicos e docentes de diversas universidades brasileiras, estando atualmente desenvolvendo projetos semelhantes e dando continuidade à perspectiva de ação e pesquisa proposta pelo Projeto Sementes Crioulas.

Referências

ALMEIDA, R. A. de. **(Re)criação do campesinato, identidade e distinção**: a luta pela terra e o *habitus* de classe. São Paulo: Editora da UNESP, 2006. 377 p.

BROSE, M.. **Metodologia participativa – Uma introdução a 29 instrumentos**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2001. 249 p.

CÂNDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito**. 7ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1982. 284 p.

DIAS, M. S. **As vicissitudes dos pequenos produtores rurais de Jataí-GO**. 95 f. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás/ Campus Jataí, 2008.

DUVAL H. C; FERRANTE V. L. S. B. Autoconsumo e políticas municipais: perspectivas de segurança alimentar e de desenvolvimento. In: FERRANTE, V. L. S; WHITAKER, D. C. A. (Org) **Reforma agrária e Desenvolvimento: desafios e rumos da política de assentamentos rurais**. Brasília: MDA/ Uniara, 2008. p. 308-321.

FERRANTE, V. L. S. et al. Reforma agrária e “desenvolvimento como liberdade”: Uma visão sobre os assentamentos rurais do estado de São Paulo. **Retratos de Assentamentos**, Araraquara: NUPEDOR, n. 10, p. 19-43, 2006.

GUIMARÃES, J. C. **As trajetórias socioespaciais dos camponeses do Assentamento Rio Claro em Jataí-GO**. 127f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás/Campus Jataí. 2011.

GUZMÁN, E. S; MOLINA, M. G. de. **Sobre a evolução do conceito de campesinato**. Tradução de Ênio Guterres e Horácio M. de Carvalho. 3ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2005. 96 p.

INCRA. Distribuição dos assentamentos do estado de Goiás. Disponível em <<https://incragoias.wordpress.com/distribuicao-dos-assentamentos-no-estado-de-goias/#sudoeste>>. Acesso em 27 de fevereiro de 2015.

MENDONÇA, M. R et al.. Resgate, produção e conservação de sementes Crioulas na comunidade rural São Domingos – Catalão-GO. In: **Anais do Fórum ambiental da Alta Paulista**. São Paulo: Alta Paulista, 2007. p. 01-11.

MDA. **Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2008. 26 p.

NUSSIO, L. G. et. al. Planejamento da produção de alimentos para o inverno. In: **Anais do 10º simpósio sobre produção animal**. São Paulo: Piracicaba, 1998. p.57-95.

PAULINO, E. T. **Por uma geografia dos camponeses**. São Paulo: Editora da UNESP, 2006. 428 p.

PORTO GONÇALVES, C. W. Descolonizar o pensamento, condição para a sustentabilidade. **Sustentabilidade em debate**. v. 5, n. 3, p. 159-168, set/dez 2014.

PORTO GONÇALVES, C. W. Geografia da riqueza, fome e meio ambiente: Pequena contribuição crítica ao atual modelo agrário/agrícola de uso dos recursos naturais. In: OLIVEIRA, A. U. de; MARQUES, M. I. M. (Orgs.) **O Campo no Século XXI: território de vida, de luta e de construção da justiça social**. São Paulo: Casa Amarela e Paz e Terra, 2004. p. 207-253.

PRIMAVESI, A. Agroecologia: práticas e saberes. In: MENDONÇA, M. R. (Org.) **Agroecologia: práticas e saberes**. Catalão: Modelo, 2012. p. 09 – 38.

RIBEIRO, D. D. **Agricultura “caificada” no Sudoeste de Goiás: do bônus econômico ao ônus sócio-ambiental**. 266 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

WHITAKER, D.C.A. Soberania alimentar e assentamentos de reforma agrária. In: FERRANTE, V. L. S; WHITAKER, D.C.A. (Org) **Reforma agrária e Desenvolvimento: desafios e rumos da política de assentamentos rurais**. Brasília: MDA/ Uniara, 2008. p. 323-339.

WOORTMANN, E. O Saber tradicional camponês e inovações. In: OLIVEIRA, A. U; MARQUES, M. I. M. (Org) **O Campo no Século XXI: território de vida, de luta, e de construção da justiça social**. São Paulo: Casa Amarela e Paz e Terra, 2004. p. 133-143.

Dinalva Donizete Ribeiro

Possui doutorado em Geografia pela Universidade Federal Fluminense.

É professora Associada da Universidade Federal de Goiás, Escola de Agronomia.

Rodovia Goiânia/ Nova Veneza, Km 0 (zero). Setor de Desenvolvimento Rural,

Sala 15. Cep: 74690900 - Goiânia, GO – Brasil.

Email: dinalvadr@gmail.com

Recebido para publicação em maio de 2014
Aprovado para publicação em março de 2015